Indústria do fumo

Correção de rumo

Foram quatro anos de insistência em um erro elementar que era altamente prejudicial ao país

Nestor Jost
Presidente da Abifumo

"Embalados na euforia do sucesso obtido pela URV, os economistas do governo e um grupo de consultores preocupados em lisonjeá-los não perceberam que a sobrevalorização do real, a taxa de juros estratosférica mais a queda brutal das tarifas aduaneiras não poderiam dar certo.

Foram quatro anos de insistência em um erro elementar altamente prejudicial ao desenvolvimento do país, gerando o empobrecimento dos setores produtivos, com repercussão direta no nível de empregos.

Para citar apenas um exemplo: calcula-se que, por conta da política econômica praticada pelo Plano Real, só a lavoura de algodão suprimiu meio milhão de empregos rurais, com intensa repercussão na indústria têxtil, totalmente prejudicada.

Diante desse quadro, a extinção do regime cambial vigente durante o Plano Real causou grande alívio e alimentou esperanças condicionadas a que o Banco Central, dentro do novo regime, exerça sua autoridade regulatória com austeridade e competência."

Pecuária

Males que vêm para bem

A desvalorização do real diminui a importação de carne suína e eleva a venda de aves de corte



Urbano Campos Ribeiral
Presidente da Agroceres

"Embora a desvalorização da moeda fosse uma reivindicação dos agentes econômicos, muitos segmentos foram surpreendidos pelos efeitos colaterais gerados pelo câmbio livre e ainda estão em processo de adaptação ao novo sistema.

A verdade é que não se esperava uma depreciação tão forte do real. Mas se é verdade que há males que vêm para bem, a atual crise deverá incitar nossos governantes e legisladores a tomarem as medidas necessárias ao equilíbrio fiscal.

Positivo e negativo

Aumentou a competitividade do preço das carnes de frango, suíno e bovino brasileiras, possibilitando acelerar a taxa de crescimento das exportações. A desvalorização do real diminuiu o risco da importação de carne suína, que poderia então ocorrer em virtude dos baixos preços vigentes em outros países produtores. A avicultura deve aumentar significativamente a venda de matrizes de corte. Espera-se que a produção de carne de frango cresça 6,7% em 1999, atingindo 4,8 milhões de toneladas, por causa da expansão de 14,3% do volume das exportações, que passam a cerca de US$900 milhões.

Com a elevação dos preços de ingredientes importados (minerais, vitaminas, medicamentos, preservantes, trigo e produtos lácteos) e do farelo de soja, aumenta o custo de produção. No caso de suínos, reduz-se bastante a aquisição de material genético, tendo em vista as incertezas do mercado e a queda de margem decorrente da elevação dos custos de produção. Há ainda desaceleração da expansão, adiamento da implantação de novos projetos de produção e também elevação da taxa de juros e impostos.

O que esperar

Os principais negócios da Agroceres estão no início da cadeia produtiva, e dependem do impacto sofrido pelos demais elos da cadeia. No negócio de matrizes de suínos houve uma redução da expansão prevista do crescimento de vendas de material genético para os próximos dois anos, em decorrência da postergação de implantação de novos projetos de produção e da desaceleração da expansão de outros em andamento. Mas diante do avanço tecnológico e do reconhecido padrão de qualidade dos produtos Agroceres-PIC, as perspectivas de crescimento do empreendimento são muito favoráveis.

Apesar de a desvalorização do real aumentar a exportação de carne de frango, o resultado depende muito do mercado interno.

No tocante ao negócio de matrizes de aves, apesar de a desvalorização do real gerar um aumento na exportação de carne de frango, o resultado do empreedimento é muito dependente do mercado interno, cujo poder aquisitivo deverá sofrer grande redução no ano em curso. Mas, como a elasticidade-renda da carne de frango é menor do que a da carne bovina, o seu consumo deverá ser pouco afetado.

Nos demais negócios da empresa (nutrição animal e isca formicida), a desvalorização da moeda brasileira nos níveis atuais vem causando muitos transtornos nas negociações com os fornecedores e os clientes. Nesses negócios, ela deverá afetar negativamente o resultado do empreendimento. Portanto, as incertezas e dificuldades nas negociações são mais em razão do nível de desvalorização do real do que da liberalização do cambio.

Apesar das dificuldades momentâneas da economia brasileira, a Agroceres vê com otimismo o desenvolvimento do agronegócio nacional. Está esperando passar o período de turbulência para tomar decisões sobre novos investimentos no setor.

Tomando fôlego

As exportações aumentarão, gerando empregos, trazendo desenvolvimento e gerando divisas

Pedro Camargo Neto
Presidente do Fundepec

A recente liberalização cambial e a conseqüente desvalorização do real trazem novo fôlego para o campo. Foram anos difíceis tanto para a exportação como para a concorrência com importados. Um câmbio de *0,82* nunca se esquece.

A alteração traz um alento: chegou a tempo de valorizar a comercialização desta safra. A correção desta variável macroeconômica foi essencial para o equacionamento da integração competitiva do setor agropecuário. Mas ainda falta a questão dos juros.

Os preços agrícolas devem procurar um novo patamar. A contrapartida será o aumento nos insumos, outro lado da mesma moeda. Um ajuste difícil, mas necessário. Os insumos já foram todos reajustados. Parece evidente que houve abusos e a própria concorrência entre fornecedores deve provocar uma redução de preços. Será uma queda-de-braço importante nos próximos meses. Será preciso dedicar-se às compras. Persistindo os equívocos, os instrumentos de defesa econômica estão aí para ser trabalhados.

A aceleradíssima integração regional do Mercosul vinha reforçando o estresse comercial. Além das possíveis triangulações, a fertilidade da pampa úmida e a rápida modernização dos vizinhos representam um concorrente de peso. Acostumados a ter vantagem, os vizinhos não estão querendo aceitar a competitividade. Também na questão dos direitos compensatórios e *dumping*, a burocracia ganha tempo para atingir maturidade e responsabilidade suficientes para não causar tantos prejuízos ao setor.

As exportações certamente aumentarão, criando empregos, desenvolvimento e trazendo divisas. A Lei Kandir foi praticamente a única reforma estrutural desse período. O fantasma do passado continua à espreita, mas o setor não admitirá retrocesso.